

A formação de professores de química aliada à educação inclusiva.

Luciana Caixeta Barboza (PQ)*¹; Esdras Viggiano (PQ)¹. luciana@ensinodociencias.com

¹ Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias (DECMT), Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG.

Palavras-Chave: formação de professores, educação inclusiva, ensino de química para cegos.

Introdução

O Ministério da Educação, em sua resolução CNE/CP nº1/2002, que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica dos cursos de licenciatura, estabelece que as instituições de ensino superior devem inserir, em sua organização curricular, formação docente que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2002).

A partir do decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), os cursos de formação de professores passam a incluir na matriz curricular a disciplina de Libras - Língua Brasileira de Sinais o que fortaleceu as discussões sobre inclusão na sala de aula.

Porém, apenas a inclusão da disciplina de Libras, no currículo não é suficiente ao se pensar nos outros estudantes portadores de necessidades especiais. Com relação aos alunos cegos, por exemplo, há uma lacuna na grande maioria dos currículos dos cursos de formação de professores.

Buscando fazer com que os licenciandos vivenciem situações de aprendizagem diferenciadas, a professora da disciplina de Instrumentação para o Ensino de Química, do último período do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), apresentou aos seus licenciandos uma proposta de ensino envolvendo o planejamento e o desenvolvimento de atividades voltadas para uma turma de alunos cegos. Esta atividade foi desenvolvida durante um semestre letivo, com uma turma de licenciandos, divididos em dupla, sendo abordados diversos temas da química. As orientações foram dadas pela professora no início do semestre letivo e a aula seria ofertada no fim do semestre para os colegas de turma e para a professora, quando todos estariam com os olhos vendados. A atividade deveria ser formulada buscando a adaptação de metodologias de ensino que explorassem os demais sentidos dos alunos: *audição, olfato, paladar e tato*. Durante o semestre foram trabalhados textos sobre inclusão e o ensino de química para cegos.

O objetivo desta atividade é que os estudantes de licenciatura possam estar na posição de professores de uma turma de alunos cegos, mas também como alunos cegos, em que eles possam ter uma ideia das dificuldades que estes estudantes têm na aula de química. Neste trabalho abordamos este aspecto desta vivência, enfocando as aulas em que os licenciandos estiveram vendados na aula dos colegas.

Resultados e Discussão

Os licenciandos relatam que a experiência de estarem vendados e participando da aula dos colegas foi muito diferente, como podemos observar na fala do aluno 1:

A gente está acostumado a ser aluno a vida toda, mas esta situação foi muito diferente porque a gente tinha que fazer um esforço bem grande para poder entender o que o professor falava, porque a gente não estava vendo nada. Quando eu pude tocar o objeto eu entendi o que ele falava. Realmente eu acho que o aluno cego tem mais dificuldade para entender quando o professor só fala a matéria e mostra no quadro. Isso a gente viu nos textos, mas nas aulas a gente pode vivenciar como é mesmo.

O aluno 2 relata que:

Nas aulas do estágio eu estava acostumado, a utilizar quase que exclusivamente o quadro e o giz. Agora eu percebi que deve ser muito chata uma aula assim, mesmo para o aluno vidente.

Como podemos observar nos dois relatos acima, ao vivenciarem esta situação, eles perceberam o quanto a utilização de outros sentidos pode ser interessante e importante na sala de aula.

A experiência possibilitou, também, que eles percebessem as dificuldades que os alunos, tanto cegos como videntes, podem ter, devido à própria abstração da química.

Conclusões

Os cursos de formação de professores buscam preparar os estudantes para as diversas situações de sala de aula, porém algumas lacunas estão presentes, principalmente acerca das ações inclusivas. Consideramos que experiências como esta, em que os futuros professores podem vivenciar situações que os alunos da educação básica vivenciam na sala de aula, são interessantes de ser incorporadas à formação destes licenciandos uma vez que, colocando-se na posição do outro é possível perceber situações antes não imaginadas.

Agradecimentos

À UFTM, aos alunos da disciplina e à professora Maria Cristina Ribeiro Cohen pelas contribuições.

BRASIL. Resolução CNE/CP N° 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005.